

PODERIAM AS CÂMARAS MUNICIPAIS fomentar a criação e o desenvolvimento de novas indústrias?

INICIATIVAS PARTICULARES

por TIAGO LINS

Na loja do barbeiro, enquanto aguardo a minha vez, presto atenção às conversas que se desenrolam. São estas casas excelentes centros de informação e diz-se dos seus oficiais que não desembarçam menos a língua do que a navalha. Sou pouco propenso a enlear-me nestas conversas mesmo porque me custa meter palavra com quem não seja da minha intimidade ou conhecimento.

Ainda que citado à barra da discussão faço a minha defesa escudando-me num discreto mutismo. Entretanto vou prestando atenção ao que oíço e se a muitas considero palavras ao vento ou ainda blasfêmias ao bom senso, a outras retenho-as, analiso-as e até as fixo. Algumas são lições ou conceitos de prestáveis benefícios. Entre o joio muitas vezes aparecem bagos de bom trigo.

Ora ouçamos o que diz o mestre enquanto vai escanhoando a barba de um freguês: «Na minha aldeia — eu já sabia que ele era transmontano — andava aquilo tudo sem rei nem roque. Não havia interesse, não havia zelo pelos progressos da terra. Havia uma Casa do Povo mal dirigida e parece-me que fechada por mais de uma vez. Apareceu agora lá um padre, homem da minha criação, a quem os pais morreram deixando-o possuidor de avultados bens. Resolveu ir tomar conta do que era seu e embora não prior encartado da freguesia lá se fixou. Apareceu-me aqui há dias um conterrâneo com um jornal, propriedade do sacerdote e em que ele expõe um vasto plano»

(Conclui na 3.ª página)

Noticiário ECONÓMICO

CONSERVAS DE PEIXE

Durante o ano de 1960 a Alemanha importou 13,600 toneladas de conservas de sardinha portuguesa, cifra que representa 72% do total da conserva de sardinha importada. Durante o ano em curso as importações devem aumentar dado que o marco aumentou no valor de 5% tornando assim a moeda estrangeira mais barata em 5%. Os preços actuais são: \$9,20 9,30 por 1/4 Club 30 m/m, mas já se verificam propostas a um preço de \$9.

PRODUTOS RESINOSOS

Bruxelas — A venda de pez louro, dominada pelas cotações portuguesas, o mercado mostra tendência para a baixa. Portugal oferece a qualidade WG a 15,00 frs. b. o

(Conclui na 3.ª página)

FRACA PESCA DE ATUM NO ATLÂNTICO

UMA informação de origem japonesa dá a conhecer que a pesca atlântica do atum fraquejou nos fins de 1960, como já se havia verificado em 1959. Em 1960, os barcos fizeram escassas capturas de atum de barbatana amarela, sendo a média diária de cada barco, da ordem de 5 a 7 toneladas. As exportações para a Europa retardaram-se de um mês a mês e meio para além do previsto. Não é normal verificar-se declínio nas capturas de atum de barbatana amarela depois de Outubro, mas em 1960, até as albacoras foram pescadas em volume muito abaixo do que era de esperar.

PERGUNTAVA-NOS, há pouco tempo, um amigo se no Algarve se estaria condenado a ter como quase exclusivas indústrias a da pesca e a da conserva. E se uma região como o Algarve não conseguiria que fossem «descobertas» novas indústrias de forma a que a população não estivesse exclusivamente ligada às contingências da pesca.

Achámos de interesse essas perguntas. E tivemos escutar um pouco mais quem parecia demonstrar cuidados e carinhos por problemas sérios, tão raramente falados e debatidos no nosso meio. E depois de objectarmos determinadas dificuldades que certamente contrariariam a efectivação de tentativas que acaso viessem a ser tomadas por particulares, com relevo para a parte económica de tais iniciativas, o nosso amigo rematou:

— E se as Câmaras Municipais tomassem sobre si o encargo de fomentar a criação e o desenvolvimento de novas indústrias, de harmonia com as facilidades materiais existentes na própria região e outros?

A interrogação ficou pairando longo tempo no nosso pensamento. E, passados que são uns meses, ainda agora sentimos a necessidade de falar no assunto. Mais que falar: dar continuidade ao pensamento desse nosso amigo.

Na verdade, o Algarve é pobre em variedade de indústrias. Isto, falando de uma maneira geral. E se acaso houvesse a insensatez de se querer pôr em comparação com certas regiões, como as que circundam Lisboa,

(Conclui na 4.ª página)

UM PALÁCIO DE JUSTIÇA em Vila Real de Sto. António?

NÃO sendo construídos, por todo o País, edifícios apropriados para a instalação dos serviços judiciais.

Muitas das instalações existentes nem sempre correspondem à elevada missão que a magistratura é chamada a desempenhar. Assim se justifica que muitas sedes comarcas possuam já belos edifícios, construídos propositadamente para tal fim de forma que a parte funcional dos mesmos possuam tudo quanto de mais recomendável exista para que melhor se desempenhe a função a que se destinam.

No Algarve, é a capital, Faro, que vê a construção do primeiro Palácio da Justiça da nossa província. Ainda em acabamento, o Palácio da Justiça de Faro deverá ser inaugurado ainda este ano. Olhão e Tavira já têm em vista a construção dos respectivos edifícios para seus Palácios da Justiça. Também se diz que Vila Real de Santo António irá ter o seu. Cremos até que se fala para dentro de pouco tempo o início das respectivas obras. Será assim? Oxalá.

É que as instalações, que desde sempre têm funcionado no edifício da Câmara Municipal, lado norte, se bem que cumprindo, se afiguram já insuficientes para as

SESSÃO DE HOMENAGEM A LUTGARDA DE CAIRES NA CASA DO ALGARVE

No dia 13 do corrente, pelas 21,30 horas, a sr.ª dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, realizou, na Casa do Algarve, em Lisboa, uma conferência subordinada ao título «Lutgarda de Caires, uma Algarvia Ilustre».



DR. RAMOS DE ALMEIDA

COM apenas 48 anos, faleceu no Porto a grande figura de intelectual e de cidadão que foi o dr. António Ramos de Almeida. Poeta e escritor de firmados méritos, deixou vários livros publicados. Como jornalista e ensaísta, marcou posição de grande relevo no meio português. Dirigiu, durante muito tempo, a «página literária» do grande diário português «Jornal de Notícias». As letras portuguesas estão de luto. Perderam um dos seus reais e valiosos elementos.

necessidades inerentes à missão judicial de uma comarca como Vila Real de Santo António. Há, também, que levar em linha de conta o facto dessas instalações serem antiquadas. Não que envergonhem, longe disso! Mas, dada a renovação por que estão a passar os edifícios de justiça em todo o País, os que são propositadamente construídos para tal fim darão uma maior solenidade a tudo quanto seja relacionado com os assuntos judiciais.

E já que se fala para breve do início da construção dos Palácios da Justiça em Olhão e Tavira, bom seria que o de Vila Real de Santo António pudesse ser também incluído no plano de construções para breve prazo.

Álvaro Cansado

Para quando a construção DE VIVENDAS NA "AVENIDA" DO FAROL?

É INCONTESTÁVEL que a branca, lavada e fronteiriça Vila Real de Santo António tem, a exemplo de grande parte das vilas e cidades algarvias, beneficiado de uma actividade de construção digna de realce. Não só sob o âmbito oficial mas, sobretudo, no particular, numerosos têm sido os empreendimentos verificados, nestes últimos anos.

Também na povoação de Monte Gordo, que de há muito merecia ser fregue-

sia deste concelho pombalino, o surto de construção está em pleno desenvolvimento. E mais, bastante mais, se espera que venha a ser feito, neste aspecto, em face da propaganda, com toda a justiça feita, aos méritos da paisagem, luz, temperatura com que a Natureza achou por bem ornar essa povoação praiana.

Mas muita gente estranha que a chamada «avenida do farol» continue abandonada. Que, passados tantos e tantos anos, desde que foi rasgado esse troço de estrada, através dos areais, para que ficasse ligado o Farol à pombalina vila, essa «avenida» continue a mostrar à mesma gente de há vinte anos, de há trinta anos, o abandono

BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN EM MONCHIQUE

FOI inaugurada há dias, na pitoresca vila de Monchique, uma biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian, melhoramento que muito vem ajudar na elevação cultural da população desta localidade serrana.

Assistiu à inauguração da referida biblioteca, que ficou instalada numa das salas da Câmara Municipal dessa vila, o sr. dr. Domingos Monteiro, dirigente das Bibliotecas Gulbenkian, que discursou sobre esse acto, tendo agradecido o sr. Manuel Baptista de Sousa Costa, presidente do Município.

dos homens por um lugar digno das mais belas construções.

Não nos move qualquer espírito de mal-dizer, nem de derrotismo, nem veladas intenções. O que não pode-

(Conclui na 4.ª página)

A PRESENÇA DE PORTUGAL EM ÁFRICA

EM matéria de colonização e civilização de povos primitivos, o nosso País não precisa de receber lições de ninguém, mas pode ministrá-las, pois para tal possui credenciais outorgadas por cinco séculos de experiência. Já o disseram algumas vozes mais autorizadas do que a nossa, mas nunca é de mais repeti-lo.

Pode dizer-se que Portugal, desde a fundação da nacionalidade, considerou sempre a colonização como sua função essencial. A Monarquia agrária do século XII estendeu-se, mercê do esforço da colonização interna; a partir do século XV, e através da colonização externa, o pequeno Reino transformou-se numa grande Nação ecuménica. Assim surgiram as Províncias Ultramarinas, expressão bem portuguesa que define luminosamente as características da nossa colonização paternal e unitária.

Os nossos colonizadores dos tempos idos souberam transplantar para os outros continentes o espírito da Mãe-Pátria, colonizaram aportuguesando, civilizaram e cristianizando. Não destruíram os autóctones, como se verificou noutros sistemas de colonização bárbara; assimilaram-nos, tornaram-

(Conclui na 2.ª página)

CHÁVENAS de café QUASE AMARGO

Pelo dr. CRUZ MALPIQUE

BONS VERSOS, RECLAMADOS COM UM MEDIÓCRE ROMANCE

Há, por vezes, coisas muito estranhas! Alfredo de Vigny, antes de escrever o seu Cinq-Mars, queimou as pestanas, lendo à «la lampe 300 volumes, et manuscrits mal imprimés et mal écrits de toute façon». Foi ele quem o confessou.

Portanto, dirá o leitor, fez essas leituras para dar bem a cor temporal do séc. XVII, uma vez que a acção de Cinq-Mars decorre nesse século.

Pois, não senhores! Teve essa maçada toda — e não foi pequena! — para, afinal, atirar, depois, a verdade histórica às ortigas...

No prefácio do romance informa-nos que teve a preocupação de dar aos seus leitores, não a realidade como ela foi, mas como lhe aprobeu imaginá-la.

Em vez de uma verdade o mais aproximada possível da realidade histórica, deu-se a fantasiar homens paradigmáticos — quer no campo do bem, quer no do mal. Em vez de criaturas copiadas da medula dos documentos, não senhores! — deu-nos criaturas abstractas, simbólicas, congeminadas, de fio a pavio, por

(Conclui na 4.ª página)

Grémio dos Exportadores DE FRUTOS E PRODUTOS HORTÍCOLAS DO ALGARVE

EM assembleia geral ordinária realizada no passado dia 28 de Março no Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve, foram reeleitos, por grande maioria de votos, os elementos que já antes ocuparam os seus cargos, pelo que continuam os corpos gerentes desse grémio a ser constituídos pelos seguintes senhores:

Assembleia Geral — António Taquelim da Cruz, Francisco Cabeçadas de Sousa Domingos e José Emilio da Costa.

Direcção — Efectivos, Presidente Francisco Guerreiro Barros; Secretário, José Gonçalves Pinto; Tesoureiro, David Mendes Madeira. Substitutos, Teófilo Fontainhas Neto, José Viegas Bota e António Duarte.

Comissão (Loc. N.º 29,756) — Henrique Gomes Vieira, Sebastião Viegas Martins e José Martins Cardoso.

AS DRAGAGENS DA BARRA do GUADIANA

ESTIVERAM em Lisboa os engenheiros espanhóis srs. D. Marciano Martínez Catena, director da Comissão Administrativa de Obras e Serviços de Portos do Estado, e D. Fernando Rodríguez Pérez, director do Porto de Huelva, que tiveram conversações com os representantes da Junta Central dos Portos, srs. engs. Luis da Fonseca e Rosa-do Pereira, acerca dos trabalhos de dragagens da barra do Guadiana. Os mesmos técnicos avistaram-se com o director-geral e técnicos dos Serviços Hidráulicos, do Ministério das Obras Públicas, a fim de prosseguirem os estudos sobre a dragagem do Guadiana até à zona do Pomarão, de forma que facilite o escoamento de minérios, tanto de minas da margem portuguesa como de minas da margem espanhola.

ARCO DA VELHA A PRESENÇA DE PORTUGAL A PESCA MUNDIAL DO ATUM

Composição de algumas pedras preciosas

Diamante: Carbono puro, nativo, cristalizado. É o mineral mais duro que se conhece. Geralmente incolor, transparente; algumas vezes, porém, tem uma tonalidade de amarelada, parda, negra ou uma delicada cor azul. Encontra-se especialmente na região de Kimberley, na África do Sul; em Orange; no Congo; no Estado de Minas Gerais, no Brasil; na Austrália; nos Montes Urais; e nas minas de Golconda, na Índia. **Safira:** É o sesquióxido de alumínio ou corindon. Segue ao diamante em dureza. A safira propriamente dita é de cor azul, mas há muitas variedades; quando é incolor chama-se safira branca ou de água; quando é violeta tem o nome ametista oriental; a amarela, o topázio oriental; a verde, a esmeralda oriental; a vermelha, o rubi oriental. **Topázio:** É a terceira pedra preciosa em ordem de dureza. É amarelo, composto de silício, alumínio e fluor (ortossilicato fluorífero de alumínio). Também apresenta algumas variedades; topázio da Sibéria, azul claro; topázio aguamarinha, azul esverdeado; safira do Brasil, azul. Foi uma das pedras rituais dos judeus, representava a tribo de Simeão. **Esmeralda:** É o silicato de alumínio e berilo, de cor verde. Há variedades incolores, rosadas, amarelas e azuis, que se distinguem pelo nome de berilo. Chama-se «água-marinha» as variedades azuis do Brasil e da Sibéria. A jazida mais importante está nas minas de Muzo, na Colômbia. A cor verde da esmeralda provém do seu conteúdo de cromo. A esmeralda geralmente contém impurezas, chamadas «jardins», que lhe tiram o brilho. A esmeralda pura tem mais valor do que um diamante de igual tamanho. **Rubi:** É o aluminato de magnésio, chamado também «espina». O rubi mais apreciado em joalheria é a variedade de safira vermelha corindon — chamado rubi oriental.

Há falta de padres em Espanha

Um trabalho estatístico publicado em Espanha revela que há muito mais igrejas e capelas do que padres. As maiores vocações sacerdotais revelam-se entre trabalhadores.

Há em Espanha 16,369 paróquias com 42,438 templos e 22,528 padres diocesanos, 8,819 pertencentes às ordens religiosas e 70,000 freiras e 35,000 seminaristas.

Velocidades

A velocidade da luz é de 300,000 quilómetros por segundo. A de uma corrente eléctrica ao percorrer os fios telegráficos é de 36,000 quilómetros por segundo. A Terra faz o seu movimento de translação em torno do Sol a uma velocidade de 29,516 metros por segundo. A velocidade dos satélites artificiais dos Estados Unidos e da Rússia é de 8000 metros por segundo. A Lua gira muito mais lentamente em torno da Terra, pois percorre 1012 metros por segundo e, entretanto, é bem mais rápida que uma bala de espingarda que, na sua velocidade inicial, percorre de 750 a 800 metros por segundo. A velocidade do som, no ar, a uma temperatura de 15 graus centígrados, é de 340 metros por segundo. A de um avião de passageiros, com motores de explosão, a gasolina, é de 650 quilómetros por hora o que corresponde a 180 metros por segundo. Um pombo correio voa à razão de 16,7 por segundo e um cavalo, a galope, 5 metros por segundo.

Anekdota da semana

NUM COMBOIO — Diz-me, por favor, que horas são? — pergunta um passageiro a outro passageiro. — Não tenho horas. — Mas há pouco vi o sr. tirar o relógio e torná-lo a meter na algibeira. — Era para ver se ainda o trazia comigo.

EM ÁFRICA

(Conclusão da 1.ª página)

—nos portugueses, integraram-nos na unidade nacional.

Por muito que pese ao bloco inimigo de Portugal e à própria O. N. U., Portugal não possui territórios não-autónomos. As suas Províncias Ultramarinas completam a unidade política, social e administrativa da Metrópole, prolongam a sua autonomia geográfica por quatro continentes, conferem à Nação um sentido universal. São o prolongamento histórico da Mãe-Pátria, à qual estão unidas por eles que nenhuma força pode destruir. A Nação Portuguesa significa e traduz o ideal perfeito da unidade na diversidade. A unidade política, moral, social e económica na diversidade de raças. Isto se deve ao sistema de colonização essencialmente paternal e humano que se adoptou há cerca de cinco séculos nos territórios do Ultramar.

Desde o princípio que o objectivo português era colonizar efectivamente, prolongando Portugal e não edificando simples entrepostos comerciais, com o mero propósito de traficar e explorar, para enriquecer rapidamente e com o menor esforço. Desde sempre que os nossos colonos deixavam o Tejo para se fixarem no Ultramar, e por isso os artífices acompanhavam os soldados e os missionários. Um exemplo, entre muitos: em fins de 1490, como diz Carlos Selvagem em «Império Ultramarino Português», largava de Lisboa em três caravelas a missão civilizadora (em África) do fidalgo Gonçalo de Sousa, capitão e embaixador, para firmar verdadeira aliança política de um Príncipe Perfeito europeu com um semi-bárbaro potentado bantú do Congo. «Ia — acrescenta Carlos Selvagem — além do Caçuto já investido e crismado em fidalgo negro, D. João da Silva, os outros «fidalgos» negros também baptizados e, como agentes de civilização, um corpo de arcobreiros, muitos artífices pedreiros, carpin-

teiros, agricultores e até padeiros»...

Este texto, baseado nas crónicas coevas, revela bem o estilo da colonização portuguesa e demonstra de uma forma peremptória o nosso inalienável direito à permanência em África. Não se trata de uma experiência de anos, mas de séculos. Indiferente aos rugidos afro-asiáticos e aos conluios da última hora no seio da O. N. U., os portugueses manter-se-ão em África, ainda que seja debaixo da terra, como diz Charles Boxer.

É evidente, porém, que serão tomadas providências energicas (além das que já foram postas em prática) para assegurar essa permanência. Para isso foi a África o sr. ministro do Ultramar. As providências são de duas espécies: económicas e militares; de desenvolvimento material e de defesa. Como afirmou o sr. almirante Lopes Alves em Luanda, o Governo está permanentemente a par de todos os acontecimentos. Confiamos no Governo. A par do reforço do sistema defensivo, acelerar-se o surto de progresso. Portugal, contra tudo e contra todos, continuará a afirmar a sua presença em África.

Gil Brás



quem fuma fuma

AVIZ



quem fuma fuma

AVIZ



quem fuma fuma

AVIZ

nova mistura de tabacos excelentes

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

As primeiras estatísticas da F. A. O., para 1959, indicam um total de 1,9 milhões de atuns, bonitos, cavalas, etc., desembarcadas nos diferentes países do Mundo. Esta classificação geral, excessivamente larga, comporta muitas espécies que é difícil juntar às que costumamos considerar como atuns.

Note-se que, na cifra acima indicada de 1,9 milhões, o Japão vem à cabeça 906.000 toneladas, seguido de longe pelos Estados Unidos, com 156.000 toneladas; a Índia com 105.500 toneladas (cavala, na sua maioria); o Peru, com 101.000 toneladas; a França com 65.000 toneladas; a Espanha com 49.400 toneladas; a China com 45.000 toneladas, a Coreia com 37.000 toneladas, etc.

Quando ao Japão, é interessante examinar em pormenor, as suas capturas. Assim, encontramos: 68.200 toneladas de germão; 74.200 toneladas de atum abeso; 66.700 de atum de ventre listado; 126.400 de atum de barbatana amarela; 51.100 de atum vermelho; 487.000 de atuns.

Por seu lado, as cavalas atingiram 295.000 toneladas.

Nos Estados Unidos, em 156.000 toneladas, encontramos 50.300 de bonito de ventre listado; 49.500 de atum de barbatana amarela; 21.000 de germão; 8700 de atum vermelho, o que dá um total de 150.000 toneladas.

No Perú, predominaram os bonitos, com um total de 80.000 toneladas.

A POPULAÇÃO MUNDIAL ULTRAPASSA OS TRÊS BILHÕES DE PESSOAS

«NAÇÕES UNIDAS — Ultrapassa este ano os três biliões de pessoas a população mundial — segundo revelou a Comissão Social da O. N. U.

O aumento anual da população é agora de 45 a 55 milhões, tendo o ritmo de crescimento tendência para aumentar.

O relatório nota que a crescente concentração da população nas cidades continua a ser um problema da maior importância.

Referindo-se à produção de alimentos em todo o mundo, o relatório revela que em Portugal e na Suécia a população aumentou mais rapidamente do que a produção de alimentos. Em Portugal, a percentagem de alimentos por cabeça diminuiu 5 por cento de 1958 para 1959 e na Suécia desceu 7 por cento no mesmo período.

Os níveis de nutrição mais baixos do mundo continuam a registar-se no Extremo Oriente — especialmente na Índia e no Paquistão — e na África.

Embora a produção doméstica de alimentos tenha aumentado nesses países desde 1954, a percentagem por cabeça é mais baixa do que há um quarto de século, devido ao grande aumento da população.

Segundo a comissão, os países comunistas da Europa Oriental e a União Soviética, em consequência dos seus esforços para saírem da grave situação em que se encontravam no final da guerra, registaram o maior aumento de produção de alimentos por cabeça: 22 por cento em relação ao nível de 1952. No mesmo período registou-se um aumento médio de 9 por cento na Europa Ocidental, de 1 por cento nos Estados Unidos e de 3 por cento no Médio Oriente. A América Latina manteve o mesmo nível alimentar, a Oceania baixou um por cento e a África baixou 8 por cento».

PORTO

RAINHA SANTA

ATÉ

OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEO & C.ª

VILA NOVA de GAIA



CASAMENTOS

Na Igreja Paroquial de Vila Real de Santo António, realizou-se o casamento da sr.ª D. Rita Martins Gomes, filha da sr.ª D. Isabel Martins Gomes e do sr. Joaquim Gomes, comerciante, com o sr. José de Freitas Centeno, funcionário do Banco Português do Atlântico, filho da sr.ª D. Ana Teixeira de Freitas e do sr. José Centeno Passos, proprietário. Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. José Rodrigues Centeno, despachante oficial da Alfândega e sua filha sr.ª D. Maria José Rodrigues Centeno e por parte do noivo seus pais.

Igualmente na Igreja Paroquial da mesma vila, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Luisa Socorro Queirós, professora do ensino primário, filha da sr.ª D. Jesuína Sales Socorro Queirós e do sr. José do Sacramento Queirós, funcionário dos Caminhos de Ferro, com o sr. António Pires Guerreiro Nicolau, professor de trabalhos manuais da Escola Técnica desta vila, filho da sr.ª D. Maria Pires Guerreiro Nicolau e do sr. António Nicolau.

Foram padrinhos, por parte da noiva seu tio sr. Miguel Sales Socorro e a sr.ª D. Luisa Martins Socorro Folque e por parte do noivo seu pai e a sr.ª D. Graciete Nicolau Pires.

Lusitano F. C.

Tem estado festejando, durante a semana finda, o 45.º aniversário da sua fundação, o Lusitano F. C., popular colectividade desportiva de Vila Real de Santo António, à qual felicitamos, augurando futuro progressivo em prol da sua-nossa terra.

Fazendo parte do programa de festejos, efectuou-se ontem um desafio amigável entre as primeiras categorias do Portimonense e o Lusitano.

FALECIMENTO

Faleceu nesta vila, o sr. Reinaldo Bento Palma, de 57 anos, natural da Conceição de Tavira.

O extinto era casado com a sr.ª D. Ilda da Conceição, e pai da sr.ª D. Maria Floripes Bento Águas, casada com o sr. Carlos Águas e do sr. Orlando da Conceição Bento; irmão do sr. Manuel Bento e tio do sr. Aretório Bento e da sr.ª D. Maria Leliana Bento, casada com o sr. Rúbens Aleixo Baptista.

À família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Propagai «Notícias do Algarve»

VENDEM-SE

Máquina Universal — com motor eléct. 4 cv. para serrar, aplinar, furar e topiar madeira. Outra máquina pequena para furar, serrar e podendo adaptar-se esmeril — com motor de 1 cv. monofásico

Para outras informações dirija-se a JOSÉ FRANCISCO CLEMENTE — R. Sá de Miranda — LOULÉ

GASOSA



JAGUAR

Tipografia SOCORRO — Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

DESSPORTOS

INICIATIVAS PARTICULARES

Noticiário Económico

FUTEBOL

ESTORIL, 1 - LUSITANO, 1 RESULTADO JUSTO NUM JOGO CORRECTO

Jogo no campo da Amoreira, arbitrado por Samuel Abreu (Santarém).

ESTORIL — Carvalho (a cinco minutos do fim Carvalho II); Tomás, Pastorinha e Serra Amaro; Ribeiro e Batalha; Peixoto, José Fernando, Caracol, Barbosa e Lachever.

LUSITANO — Martinez; José Pedro, Gonçalves e Parra; Padesca e Rodolfo; Torres, Jaruga, Marco, Araújo e Ludgero.

Com futebol repousado, sem ânsias desmedidas de golo, as duas equipas desenvolveram durante largo período da primeira parte alguns esquemas muito agradáveis, especialmente a meio do terreno, estabelecendo-se equilíbrio, quer no aspecto técnico, quer territorial.

Contudo, a ambos os conjuntos faltou bastante objectividade; os remates e ocasiões de golo que por vezes existiram não invalidam essa deficiência. Os avançados apoiados pelos médios travavam triangulações bem delineadas; mas ao entrarem na chamada «zona da verdade», facilmente eram desfeiteados pelas defesas contrárias, não conseguindo impôr-se objectivamente na direcção das redes contrárias.

O Estoril, no entanto, cedo se aproximou mais da ideia de conseguir marcar.

E essa demonstração sucedeu logo nos minutos iniciais.

O Lusitano só a partir do quarto de hora, e em alguns contra-ataques, deu idêntica sensação, que os seus avançados desperdiçaram.

Verificando que as suas surtidas não resultavam positivamente tão depressa como desejavam, os estorilistas procuraram então o golo de longe, rematando de fora da grande área lusitanista.

Começando o segundo tempo, o Estoril mostrou-se desejoso de fazer funcionar o marcador. De tal maneira se houve, que a área do Lusitano esteve bastante sobrecarregada, com as redes correndo perigo eminente.

Só no período que se seguiu ao primeiro quarto de hora, o Lusitano se mostrou mais empreendedor, conseguindo o seu tento contra a corrente do jogo. Quando já se previa a vitória dos algarvios, os locais conseguiram o golo do empate, aliás, merecido.

No Lusitano, salientaram-se Jaruga, Gonçalves e Padesca, e nos locais Batalha, Caracol e Pastorinha estiveram em evidência.

Boa arbitragem do sr. Samuel Abreu.

MAGOVY

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
FARENSE	22	17	1	4	46-20	35
OLHANENSE	22	14	6	2	65-17	34
Oriental	22	14	4	4	48-22	32
V. Setubal	22	13	5	4	61-23	31
Alhandra	22	11	5	6	50-44	27
Montijo	22	9	6	7	39-38	24
S. L. Olivais	22	10	3	9	52-37	23
PORTIMONENSE	22	10	2	10	42-31	22
D. de Beja	22	8	2	12	27-44	18
LUSITANO	22	5	5	12	23-38	15
Estoril	22	5	5	12	28-37	15
Juventude	22	6	3	13	26-59	15
Sacavenense	22	4	5	13	25-61	13
U. de Montemor	22	2	—	20	34-95	4

Jogos para a próxima jornada: Juventude-Estoril; LUSITANO-Beja; Alhandra-Montijo; OLHANENSE-Oriental; Sacavenense-FARENSE; V. Setubal-Olivais; e Montemor-PORTIMONENSE.

Campeonato Nacional da III Divisão

Moura, 0-Silves, 3

Jogo em Moura. Árbitro: Francisco Pacheco, de Beja.

MOURA — Bento; Costa, Garcês e Patinhas; Broncas e Rola; Ramalho, Adão, Baptista, Condessa e Duarte.

SILVES — Inácio; Maurício, Albertino e José Alves; Loia e Filipe; Carlos Silva, Grilo, Pacheco, Helder e José Domingos.

Ao intervalo: 0-1, golo de Carlos Silva, à passagem da meia hora. Na segunda parte, Helder, aos 5 minutos, de «penalty», e Carlos Silva, aos 19, fixaram a marca em 0-3. Boa arbitragem.

Esperança, 0-S. Domingos, 1

Jogo em Lagos. Árbitro: António Gomes Afonso, de Faro.

ESPERANÇA — Cadete; Silva, Eduardo e Amílcar; Diamantino e Júlio; Conceição, João Luís, Gorgulho, Fiscalisa e José Pedro.

S. DOMINGOS — Zarcos; Cipriano, Baptista e Cavaco; Amadeu e Brás; Chora, Mestre, Pereira, Castela e Raul.

Ao intervalo: 0-1, golo de

Pereira, aos 25 minutos. Na segunda parte, a defesa local, em bom plano, evitou que o resultado se tornasse mais expressivo. Arbitragem fraca.

Ferreirense, 0-Sambrasense, 1

Jogo em Ferreira do Alentejo. Árbitro: António Coelho, de Faro.

FERREIRENSE — Guia; Armindo, Larginho e Leonel; Molina e Raposo; Marcolino, Manero, Juan, Gamito e Luís.

SAMBRASENSE — Januário; Marçal, J. Manuel e Damásio; Abílio e Chitas; Domingos, Farrobal, Carlos, Brandão e Adriano.

Pertenceu a Domingos o tento solitário que deu a vitória aliás justa, aos visitantes.

Arbitragem certa.

CLASSIFICAÇÃO

	pontos
Silves	15
Sambrasense	14
S. Domingos	12
Aljustrelense	10
Moura	10
Ferreirense	6
Esperança	5

BASQUETEBOL

em Vila Real de S. António

SEGUNDO consta nos meios ligados ao Lusitano F. C., estão a ser envidados esforços no sentido de fazer renascer a equipa de basquetebol do Lusitano que, há algumas épocas, tão boa conta deu nos campeonatos regionais de que fez parte.

Se, como tudo leva a crer, for além do boato e a equipa de basquetebol do popular clube vila-realense for uma realidade, dentro em breve, todo o meio desportivo da vila pombalina terá a lucrar com tão belo acontecimento. Fazemos votos para que o basquetebol, através desse e de qualquer outro clube que o venha a praticar, crie sérias raízes em Vila Real de Santo António. E ousamos perguntar, uma vez que conhecemos as intenções dos seus dirigentes em fazer progredir e enaltecer o nível clube de «Os Gráficos»: — não será, agora, a oportunidade para a criação de uma secção de basquetebol?

Creemos que a resposta será a melhor afirmação da compreensão de que o desporto não é só o futebol — e sairá, também, desse clube uma equipa de basquetebol.

O «BENFICA» no Algarve

Joga hoje na vila de Olhão, contra o S. C. Olhanense, o Benfica, actual campeão de Portugal e um dos meios finalistas da taça dos campeões da Europa.

O famoso agrupamento lisboeta esteve hospedado no não menos afamado Hotel Vasco da Gama, da vizinha praia de Monte Gordo, tendo visitado a sede do Lusitano F. C., onde lhe foi prestada justa homenagem.

(Conclusão da 1.ª página)

de melhoramentos em benefício da terra, pedindo aos filhos dela que o auxiliem. Lá dei a minha direcção para a assinatura do jornal e vou dar a de todos que conheço e que de lá são, e são muitos, para que todos juntos possamos fazer alguma coisa pelo torrão onde nascemos.

Também não recuso satisfazer qualquer quota que me seja atribuída dentro dos meus recursos. Entendo que devemos aproveitar a boa vontade e decisão de quem se oferece para nos dirigir com desinteresse e auxiliá-lo com entusiasmo no que ele nos propõe e é do benefício geral.

Assim orou mestre barbeiro e com apazimento e aplauso nosso.

E antes de continuar abrimos um parêntesis para uma referência às Casas do Povo. Já aqui se tem dito que são beneméritas estas instituições, mas que na maioria das nossas aldeias não têm quem as dirija com discernimento e dedicação, limitando-se a um modesto serviço burocrático, a um aparelho de rádio, a uma sala de jogos mais ou menos ilícitos e a uma venda de bebidas mais ou menos alcoólicas. E é pena porque podiam ser centros de educação sem deixarem de ser de distracção e de entendimento entre os que andam desavindos.

Mas continuemos a prestar atenção que agora usa da palavra um freguês sentado na cadeira do suplício mas a quem ainda sobra ânimo para retomar o fio da conversa e dizer as coisas que ocorrem em relação à sua aldeia da

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

em Vila Real de S. António

Após uma semana de interrupção, prosseguiu na passada sexta-feira, com o jogo «O Celeiro»-«Navais», o Torneio Popular de Futebol em Vila Real de Santo António, cujo resultado foi de 3-1 a favor do Celeiro.

A próxima jornada compreende os seguintes jogos:

- HOJE**
Às 10,30 horas
Naval — Vasco da Gama
Às 15,30 horas
Botafogo — Sporting
Às 17,30 horas
Beira-Mar — Lazareto
- AMANHÃ**
Às 18 horas
«Os Gráficos» — O Celeiro

Beira, no consenso de ambos mais pequena e menos importante que a do primeiro expositor.

«Nós, os que estamos cá por fora, e somos mais dos que os que lá estão, muita coisa temos feito e muitas mais projectamos. Eu sempre que posso, dou lá uma saltada para ver como as coisas por lá correm, como são feitas e o que é preciso ainda fazer. Agora vamos empregar cento e trinta contos em várias obras. Onde virão? Eles não-de aparecer».

E nesta convicção o bom beirão viu terminada a sua barba, levantou-se, cumprimentou e saiu.

No meu lugar, concentrado e enquanto aguardava a minha vez, ia remoendo as palavras que ouvira. Quem preste atenção ao que se passa nesta matéria, e basta para isso ler os jornais, verificará que a iniciativa particular no Norte movimenta-se, produz, enquanto a do Sul se espreguiça na indolência de um clima que relaxa e quebranta nervos e músculos. Continuará sempre assim?

TIAGO LINS

(Conclusão da 1.ª página)

Kg. CIF Antuérpia o que constitui actualmente a cotação mais interessante. Influenciadas pelas cotações portuguesas, a Espanha e a Grécia baixaram igualmente os seus preços, sem todavia atingirem o nível das cotações portuguesas.

EXPORTAÇÃO DE MAÇÃS E PERAS

Calcula-se que a Nova Zelândia exportará este ano cerca de 2 milhões de caixas de maçãs e peras.

PREGOS DE PLÁSTICO

Estão a ser fabricados nos Estados Unidos pregos de plástico, que resistem à corrosão e às altas temperaturas, podendo ser fabricados em vários formatos.

MOTORES DIESEL

ACCO

COM NOVOS APERFEIÇOAMENTOS

Os únicos motores de 5 1/2 HP com camisas de cromo CROMARD

**PRECISÃO
DURAÇÃO
SATISFAÇÃO**

5 1/2 e 8 H.P.

Distribuidores:
CASA CASSELS

PORTO - R. Mouzinho de Silveira, 191
LISBOA - Avenida 24 de Julho, 56

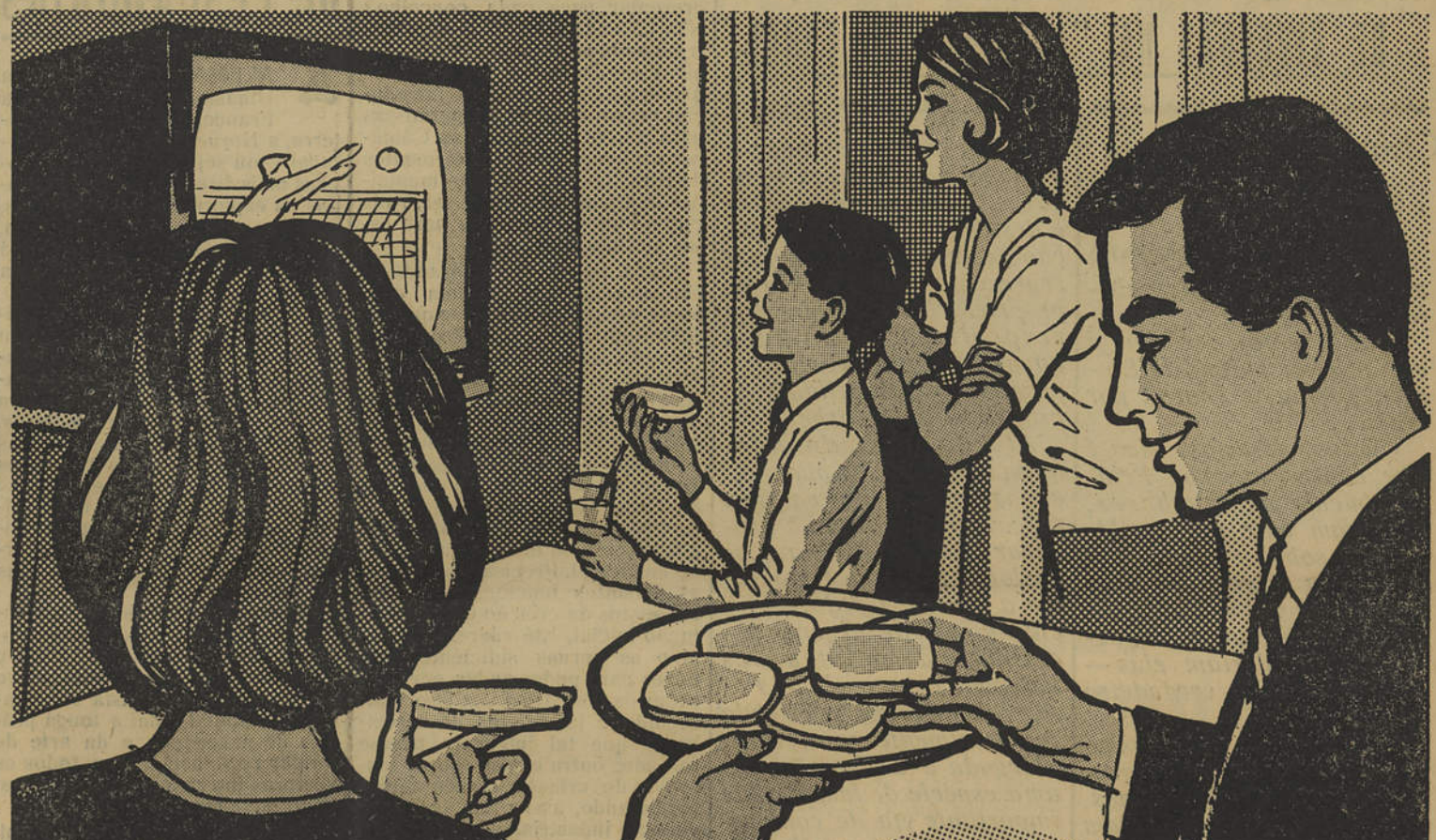
AGENTE NO ALGARVE
JOSÉ FRANCISCO CUSTÓDIO
Estrada da Penha, 103 — FARO — Telef. 660

FRIGORÍFICOS

KELVINATOR NO ALGARVE!

Aceitam-se agências concelhias em toda a província. Resposta a este jornal ao n.º 76.

KELVINATOR



Complete o prazer deste bom momento, saboreando Planta!

Em família ou com amigos, este é o momento em que se goza o conforto e a alegria dum bem merecido repouso. Este, é o momento de servir Planta! Com o seu puríssimo e delicado paladar, Planta faz as mais deliciosas torradas! Simples fatias de pão barradas com uma rica e gostosa camada de Planta, são uma delícia! Saboreie consoladamente toda a pureza e frescura de Planta. A sua embalagem de plástico 100% estanque, única em todo o mundo, conserva Planta tão pura e fresca como no momento em que é empacotada.



Planta a gordura das pessoas de bom gosto

FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. SACAVEM

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

A TIPOGRAFIA SOCORRO

executa, com inextinguível perfeição, além de todos os trabalhos tipográficos:

Envoltórios, Rotulagem, etc.

Vila Real de Santo António

NOTAS À MARGEM

por TRISTÃO DA LUZ

Cultura

A Câmara Municipal de Tavira não descarta a importante obrigação que é promover a cultura dos que estão sob a sua jurisdição.

Daqui a felicitamos e incitamos a que prossiga sem esmorecimentos apontando a sua acção como exemplo a todos os que têm o indeclinável encargo de educar.

Feras

Em uma localidade da Turquia, uma mulher desesperada pelo que sofria com o marido, entrou deliberadamente na jaula onde um leão comia tranquilamente uma zebra. O chamado rei dos animais afastou brandamente a mulher com uma pata e continuou o seu repasto.

Desculpem-nos as senhoras por quem temos muita consideração, mas perguntamos: — Dar-se-á o caso que as feras se respeitem?

Pescadores

Partiram para os mares da Terra Nova e da Groenlândia os navios que formam a nossa frota bacalhadeira.

Heróis obscuros que numa luta titânica se esforçam para que nos não falte o saboroso bacalhau, passam despercebidos entre o ulular das multidões onde quase só se ouvem os charlatões e os vadios.

O Algarve lá está representado por esses bravos filhos da Fuseta que são parte importante das tripulações.

A todos desejamos as venturas que bem merecem e que se podem traduzir numa faina menos árdua e mais proveitosa.

Lixo e música

Em Tóquio os camiões do lixo fazem-se anunciar por uma canção transmitida por alto-falantes. A que distância vamos dos burrinhos com golpelas e a voz aliciente e dolente dos garotos inquirindo às portas das casas desta linda vila: — Há esterco?

A PESCA DO ATUM COM PALANGRES DE MODELO JAPONÊS

Encorajantes resultados das experiências da pesca do atum com palangres («long-line») levadas a cabo pelos Serviços de Investigação Pesqueira da África do Sul, a bordo do seu barco «Kunene» e também pelo barco «Cape Point» de propriedade particular, despertaram considerável interesse nos meios pesqueiros e pelo menos uma firma conta pôr em uso este método de captura do atum.

Segundo informação dum interessado da firma, foi adquirido material de origem nipónica, para equipar o «Brasil» barco de vinte e um metros. Com uma fábrica na costa da Baía de Santa Helena, equipada com congelação e secagem, esperam iniciar a pesca do atum em escala comercial. O novo barco, que é o maior dos ali empregados na pesca pelágica, é movido por um motor Diesel de 290 H. P.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

UM CONTO ALGARVIO

O "ENTONICO" PRETO

SE me lembro do «Entonico»! Estou a vê-lo ali na «banda do levante», de cabelinho à careca, popinha à frente. Aquelas pernhas tostadas do Sol nunca se cansavam atrás das bolas de trapo. Todo o santo dia, se os homens do armazém não estendessem a rede no sapal, eram desafios e mais desafios até à noite que a mãe voltasse da fábrica. Sua preferência era a avançada. Chamava o guarda-redes, corria para a direita, esgueirava-se pela esquerda e zás: — golo! golo!

Casa? Só para comer e dormir. De resto, ou banho, ou bola. Mas o «Entonico» também se perdia a olhar às lanchas. E então, em dias de ventinho bom, quando as velas se inclinavam e as bordas rasavam a água, ficava embevecido a vê-las correr.

Ter um barco! Isso era um dos seus sonhos. Oh, se queria! Havia de brincar de tarde no estaleiro e, quando lhe apetecesse, iria para o canal. Ai, sim, que se tomava bem banho. Água clarinha, maré bastante funda. Ai, perigoso! Eh! Isso era para quem não soubesse «abandar».

— «Moço!» Um dia fui no bote do pai do Chico até muito longe! Quase que chegado à barra — dizia ele ao «Manel», assomando nos olhitos o prazer dessa viagem. E a imaginação levou-o para as fitas a bordo dos navios. Lembrou-se das lutas de espada.

— António! Na rua, meu malandro. O que farás tu ainda aí? Não tens outra vida?

O «Entonico» ouviu a mãe e correu para casa, não se escapando de apanhar um cachação, à entrada.

A mãe assoprou o candeieiro e o António tapou a cabeça com o lençol. Que bonito barco, a canhoneira! A ponte tinha muitos amarelos e um grande relógio. Ele, com o seu fato azul, também fazia parte da companhia. Agora, debruçado à proa, olhava o cachão que o barco fazia a andar. Vendo um marinheiro ao leme, foi ajudá-lo a rodar aquela roda grande que parecia muito pesada. Como aquele barco era diferente das lanchas! Aquela,

sim, tinha dois mastros, escadas, e muitas janelinhas. O comandante aproximou-se e perguntou-lhe se queria andar sempre ali a bordo.

— Sim, mas tenho que pedir ordem à minha mãe.

Agora reparava ele que os botões do seu fato azul não eram grandes e dourados como os do senhor comandante.

— António! A mãe vai trabalhar. Fica aí o café, não deites muito açúcar.

Ficou desapontado. Era tudo a sonhar.

Com a maré cheia, a moçançada fora para o estaleiro. Havia montinhos de roupa pelos convés das pequenas embarcações. Gaiatos nus, esqueléticos, atravam-se de mergulho para dentro de água; outros, mais atrevidos, saltavam das pontas das vergas. Desafiaram o «Entonico» Preto para «abandar».

Mas ele não tinha muita disposição. Pensava noutra brincadeira. O mar atraía-o, sim, mas para mais longe, e a chatinha da barca do mestre Zuca estava ali próxima. Despiu-se, foi nadando até lá, e meteu-se a bordo.

— Eh, moços, eu cá sou o comandante! O «Manel», arranja aí um pau grande e vamos à ginga! O «Manel» deu uma volta e achou um pau quase tão bom como um remo. Ele e mais dois, entusiasmados, nadaram também para se juntarem ao «Entonico». Quando subiram, pouco faltou para a chata ir ao fundo. Acomodados, o «Manel» começou a gingar e foi uma alegria para o «Entonico» quando sentiu vogar a chata.

— Vamos para o canal!

— «Na, rapá», é muito fundo! — exclamou à proa o comandante do pequenino navio. — Ginga, «Manel», ginga.

A popa o «Manel» gingava e os outros dois, um de cada lado, começaram a auxiliar o andamento do barco puxando a água com os braços.

A afastar-se cada vez mais, a chatinha do mestre Zuca, sem navegar muito a direito, foi-se aproximando do canal com um palmo de borda de fora. Grande era a sobrecarga da tripulação!

Esquecendo-se da escassa estabilidade da chata, os miúdos levantaram-se e aglomeraram-se no mesmo lado. Num relance, a embarcação voltou-se e as crianças caíram, agarrando-se desesperadamente umas às outras, na meio dum cachão de tragédia. Naquele momento de aflição, submersos, num instintivo «salve-se quem puder», nadaram para a ilhota fronteira.

Do estaleiro ouviram-se gritos, mas jamais seria a voz do «Entonico», que o «Entonico» perdera-se no fundo do mar. Em vão toda a tarde pequenos barcos o procuraram.

Ao outro dia, o «Entonico», inchado e roxo, apareceu em cima dum cachão de areia. Quando o trouxeram para casa, toda a gente lamentava e chorava a desgraça; os moços acompanharam a maca até à porta.

E a noite serena da «banda do levante» foi, de espaço a espaço, rasgada pelos gritos de dor e loucura da mãe.

Meteram-no no caixão com o seu fatinho azul e os sapatos que ele só calçava ao domingo. As vizinhas trouxeram-lhe flores e ao enterro vieram moços de todas as ruas. O seu sonho de marinheiro tinha agora outro destino...

Diamantino Piloto

As Câmaras Municipais

(Conclusão da 1.ª página)

Portugal, então seria tentar-se uma comparação impossível.

Há umas dezenas de anos, constou-se que uma importante firma estrangeira radicada há muito tempo no nosso País, pretendia criar diversas indústrias, uma das quais de vidraria, mas que, por dificuldades levantadas, nada pôde conseguir. Anos depois, porém, já desinteressada no assunto, teriam desaparecido as dificuldades iniciais, mas, então, sem qualquer resultado, por desinteresse.

Mas as considerações da pessoa nossa amiga deixam-nos uma semente de interrogações. Não poderão, de facto, as Câmaras Municipais estudar o problema com o interesse que ele pode representar para cada concelho? Não havendo no código administrativo algo que possa permitir a essas entidades tais iniciativas — não se poderia tentar a introdução nesses códigos de permissas para a livre iniciativa das Câmaras em busca de novos elementos de trabalho para os seus municípios que poderiam vir a ser, mais tarde, fontes de receitas para essas mesmas regiões?

Ainda agora, rememorando a conversa havida com esse nosso amigo, recorda-nos que sugerira que as Câmaras como, por exemplo, a de Vila Real de Santo António, e outras, pudessem investir algum dinheiro na criação de pequenas indústrias que, uma vez assentes em firmes alicerces de trabalho e de progresso, poderiam ser «passadas» a sociedades formadas ou a formar, para tal fim, cessando daí por diante a interferência directa da entidade municipal. Precizando melhor: as Câmaras funcionariam como elementos de criação e de fomentação inicial, até «darem ao menino as pernas suficientemente fortes para poder andar por seus próprios pés». Uma vez isso conseguido, e já refeitas do desmolho que tal iniciativa tivesse forçado, outra e mais outra tentativas de criação seriam feitas, fomentando, assim, um desenvolvimento industrial que, pela certa, muito viria reflectir-se no nível económico de cada região e do País.

Na verdade, numa região como a do Algarve, deve ser procurada

para se construir vivendas, nem pessoas com condições económicas para as habitar. Isso ninguém acreditaria. Dinheiro existe — sobretudo nas mãos de quem o tem. Só o que pode haver é falta de vontade e compreensão para a urgente necessidade de se dar a esse sítio a ornamentação residencial que ele merece.

António da Costa

A ACTIVIDADE DA CASA DO ALGARVE

DELIBERAÇÕES DO CONSELHO SUPERIOR REGIONAL

SOB a presidência do respectivo presidente, sr. dr. Sousa Carrusca, secretariado pelos srs. Hermenegildo Neves Franco e Joaquim António Nunes, reuniu em 7 do corrente, em sessão plena, o Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, para tomar deliberações sobre uma comunicação apresentada pelo sr. dr. António de Sousa Pontes, consultor técnico do gabinete de estudos da pesca, sobre o fomento da pesca do atum no Algarve e relativamente a outros assuntos.

Antes de iniciar os trabalhos da sessão, o sr. dr. Carrusca apresentou entusiásticos cumprimentos do Conselho aos srs. general Leonel Vieira e comandante José Salvador Mendes, pela honra que desde aquele instante lhe davam de passarem a pertencer ao mesmo.

Conferida seguidamente a palavra ao orador da noite, sr. dr. Sousa Pontes, este, apoiando-se em elementos estatísticos e estudos feitos pelo sr. comandante Salvador Mendes, focou a circunstância da pesca do atum na costa algarvia atravessar um período de preocupante declínio e sugeriu algumas medidas a aconselhar para a solução do problema.

Estabelecido animado debate sobre o assunto, em que intervie-

ram os srs. comandante Salvador Mendes, general Leonel Vieira, dr. Maurício Monteiro, eng.º Santos Furtado, dr. Zeferino de Oliveira e Silva e José Ferreira Canelas, presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi posta finalmente à votação e aprovada por unanimidade a seguinte proposta, apresentada pelo representante do concelho de Faro, sr. major Mateus Moreno:

De conformidade com o resultado das considerações formuladas, e porque se trata de um problema cuja solução é do maior interesse para a economia do Algarve, proponho:

a) — Que se solicite ao sr. capitão-de-mar-e-guerra José Salvador Mendes a elaboração e entrega de uma comunicação, tão objectiva e concisa quanto possível, donde constem as soluções que preconiza para «se tentar — como sublinha em carta — a sobrevivência das antiquíssimas e simpáticas armações fixas para a pesca do atum no Algarve», além das de mais soluções que se lhe ofereçam para a valorização da referida pesca, comunicação destinada a enviar, com uma cópia da presente proposta, à direcção do Grémio dos Armadores da Pesca do Atum no Algarve, como elemento-base de um estudo conjunto das ditas soluções e das opiniões que sobre o assunto tenham, por sua vez, os actuais directores e mandadores das armações algarvias e os biólogos e directores das Pescarias Nacionais.

b) — Que se promova a publicação oportuna da referida comunicação, na imprensa ou no Boletim Informativo da Casa do Algarve, com as decisões que pelo dito Grémio forem transmitidas sobre o assunto.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

Foi também aprovada, por unanimidade, uma proposta do mesmo Conselho, no sentido de se sugerir à Câmara Municipal de Tavira o descerramento de uma lápida comemorativa do nascimento do grande escritor e humanista Coelho de Carvalho, em 14 de Junho de 1855, na referida cidade, no n.º 5 da antiga Rua Nova Pequena, actual Rua Alexandre Herculano, como confirmação documental obtida pela Casa do Algarve, e estando presente o sr. presidente da Câmara Municipal de Lagos, foi-lhe pedida a execução possível dos melhoramentos de que Espiche, pitoresca povoação do respectivo concelho, urgentemente carece.

PARA QUANDO A CONSTRUÇÃO DE VIVENDAS NA "AVENIDA" DO FAROL?

(Conclusão da 1.ª página)

Chávenas de Café quase amargo

(Conclusão da 1.ª página)

uma imaginação descabelada.

Mas o certo certinho é que o leitor vulgar de Linneu, gostou, e chorou por mais...

Chorou, dizemos. Mas é que chorou mesmo! Principalmente as mulheres, deixaram cair grossas lágrimas sobre o romance, e pediam a Vigny que lhes desse outros Cinq-Mars, porque, para literatura daquele género — diziam elas — é que ele tinha verdadeiro talento...

E tanto foi o entusiasmo dos leitores de então que, em menos de dois anos, quatro edições se fizeram do livro, que até foi traduzido em italiano, em inglês e em russo. Sobre as suas páginas toda a Europa chorou...

O poeta fora bom profeta. Tinha previsto um grande êxito para o cartapácio. E seria com o fito de ganhar dinheiro que o publicou? Não! A intenção foi, com essa má literatura, chamar a atenção para a sua boa literatura — os seus versos. Era, com efeito, ele quem dizia: «J'ai donné «Cinq-Mars», pour faire lire mes vers».

Cruz Malpique

mos é deixar de chamar a atenção das pessoas ligadas a estes assuntos para o desabono que a manutenção deste estado de coisas representa, não só para os proprietários dos terrenos respectivos, como para quem tem sobre os ombros a pesada responsabilidade do progresso desta urbe.

Até ao passado ano, quando a estrada barrenta e enxameada de calhaus forçava muita gente a procurar outra via para se deslocar tanto ao Farol como a Monte Gordo, parecia não ser de urgente necessidade as construções ladeando esse caminho. Porém, depois que a estrada foi totalmente renovada, alargada e o alcatrão deu uma espécie de lustre a tão importante via de comunicação, salta aos olhos de qualquer a grande necessidade, a imensa obrigação de dotar tão belo lugar das indispensáveis vivendas. São claramente necessárias construções marginando essa estrada. O sítio é bom, amplo, claro, saudável pela proximidade da mata de pinheiros. Não se compreende, portanto, como se pode deixar abandonado de construções um lugar que possui todos os requisitos para ser dos mais recomendáveis para um fim habitacional. E não nos venham dizer que não há dinheiro

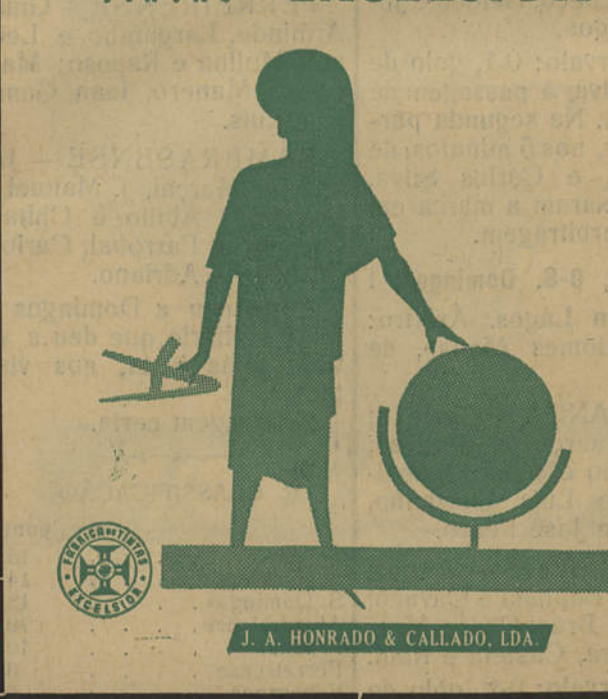
«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE

na FIGUEIRA DA FOZ:

Tabacaria Pessoa

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA